

**DISCURSO PRONUNCIADO PELA ESCRITORA
PROFA DRA ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE
GUTIÉRREZ, AO RECEBER A MEDALHA ANTÔNIO
MARTINS FILHO, CONCEDIDA PELA ACADEMIA
FORTALEZENSE DE LETRAS, NO PALÁCIO DA LUZ,
EM 16 DE OUTUBRO DE 2019**

Angela Gutiérrez

As palavras que ora pronuncio nasceram da honra e da emoção que senti ao ler a correspondência oficial que o Presidente da Academia Fortalezense de Letras, Seridião Montenegro, teve a gentileza de trazer-me em mão, há algumas semanas, neste Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras. Naquele momento, ao ter sob meu olhar o nome da comenda que a Academia-irmã me outorgava – Medalha Antônio Martins Filho – transportei-me, nas asas ligeiras da memória, para meu primeiro dia de aula como aluna na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará e, em rápido voo, percorri décadas de minha vida universitária, pois o nome do reitor-fundador tem o dom de evocar, de imediato, a imagem da UFC. Aliás, mais do que somente evocar: o sempre-reitor e a nossa *alma mater* andam de mãos dadas no imaginário dos cearenses, especialmente para quem faz parte da comunidade acadêmica, conhece a história da instituição e conheceu Antônio Martins Filho.

Recordo, a esse propósito, significativo trecho de Francisco Carvalho, imenso poeta, saudoso membro de nossa Academia e dedicado servidor da Universidade, sobre essa estreita relação entre o reitor-fundador e a UFC: “As memórias do Prof. Martins Filho constituem a saga de um espírito indomável que se não deixou abater pelos obstáculos nem se curvou aos caprichos e desconcertos da vida. Não se trata da história de um homem empolgado com as suas próprias

realizações. É que a história de sua vida confunde-se com a história da própria Universidade”. (Orelha posterior de *Memórias – Maioridade*, t.II, 1956-1974. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1996).

Aliás, o tema da profunda conexão entre fundador e Universidade destaca-se na vasta bibliografia sobre o homem que sonhou uma Universidade para o Ceará e dedicou mais de seis anos de sua vida a construir esse sonho, dividindo-o com outros companheiros, e não se permitindo desânimo diante de dificuldades e incompreensões, mas enfrentando-as com dignidade e realizando seu sonho, não só no dia da criação da Universidade do Ceará, em 16 de dezembro de 1954, e no de sua instalação, em 25 de junho de 1955, mas durante seu reitorado de 12 anos e em toda sua vida.

Testemunho de sua luta para difundir a ideia, a necessidade e a viabilidade da criação da Universidade, seu admirável pequeno grande livro *Uma Universidade para o Ceará*, publicado em 1949, pela Editora Instituto do Ceará, agregou ao chamamento à luta por uma Universidade para nosso Estado os esclarecimentos sobre as condições que permitiam a esperança e, mesmo, a certeza da vitória, terminando o livro com o que chamou “um brado de alerta”: – PRECISA-SE DE UMA UNIVERSIDADE PARA O CEARÁ! (*Uma Universidade para o Ceará*, edição fac-similar, p.52)

Em esclarecedor texto com que apresenta a segunda edição deste livro, publicada pela UFC, em 2004, durante as comemorações dos 50 anos da Universidade e dos 100 anos de nascimento de Antônio Martins Filho, a quem o então Reitor, Prof. René Barreira, dedicou toda homenagem merecida, o intelectual Paulo Elpídio de Menezes Neto, que exerceu, com brilhantismo, competência e dedicação, o reitorado na UFC, de 1979 a 1983, lembra: “ Neste livro emblemático [...] podemos ler um relato documentado sobre o surgimento de uma ideia e de como foi possível vencer a descrença e o ceticismo de

muitos expectadores pouco engajados, a incredulidade de governantes e a indiferença dos que não chegaram a entender o seu verdadeiro significado. Além da prova documental sobre um árduo percurso pelos desvãos da política e da burocracia, temos em mãos, de fato, um manifesto entusiasta sobre a necessidade de criar-se uma universidade no Ceará e a sua destinação como centro de saber, de socialização de experiências e oportunidades para os jovens.

Pelo empenho heroico em favor da ideia a que passou a servir e graças à ação abnegada desenvolvida no decorrer de mais de duas décadas, desde a instalação da Universidade Federal do Ceará, devemos todos a Antônio Martins Filho” (Antônio Martins Filho. *Uma Universidade para o Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004, p.xvi. (Edição fac-similar da Editora do Instituto do Ceará, 1949)

O sonho e o projeto de criação da Universidade do Ceará, a que Antônio Martins Filho dedicou sua vida, a partir de 1948, levaram-no a adiar projetos pessoais, como o lançamento de seu primeiro livro de reminiscências. Neste mesmo ano de 48, marco de consciente busca de realização de seu sonho maior, tinha concluído o livro, que intitulara *Menoridade*, e entregara um de seus capítulos para publicação na *Revista CLÁ*, de agosto. Em comentário que antecede o capítulo, a Revista chama a atenção para um aspecto que iria caracterizar todos os livros que posteriormente o autor publicará sob o título maior de *Memórias* – Menoridade, Maioridade tomo I, Maioridade tomo II e Maturidade. Eis o comentário: “Ao lado da parte biográfica, este livro é também um sério documentário das condições de vida em nosso hinterland, no primeiro quartel deste século” (a *Revista* referia-se, naturalmente, ao século XX). Ou seja, desde o início fica patente a intenção memorialística e não autobiográfica da série de livros que Martins Filho escreveria e publicaria em anos vindouros.

Assim, para dedicar-se ao Projeto de Criação da Universidade do Ceará, Antônio Martins deixaria de lado seu projeto pessoal, retomando-o somente muitos anos depois, ao publicar, em 1990, a primeira edição de *Memórias – Menoridade*, pela Imprensa Universitária, seguida de *Maioridade*, tomo I, de 1993, *Maioridade II*, de 1994 e *Maturidade*, 1997.

A propósito do memorialismo de Antônio Martins Filho, resalto que tem um digno herdeiro, no gênero, em seu filho José Murilo de Carvalho Martins, Presidente da Academia Cearense de Letras, no período de 2005-2009, e seu Presidente de Honra. Dr. Murilo vem, ao longo de muitos anos, dedicando-se a manter viva a memória de seu ilustre pai, assim como a preservar a memória da Academia Cearense de Letras, tendo escrito artigos e livros que inscrevem seus temas na posteridade. Aliás, seus livros sobre a ACL são fontes de consulta quase diária em nossa instituição. Repito aqui o que já falei em meu discurso de posse como presidente da Casa de Tomaz Pompeu: “... é importante ressaltar que Dr. Murilo deixa como maior emblema de sua gestão na presidência da Casa, a ideia e o esforço de reunir, enriquecer e organizar o acervo de memória da instituição, criando o Memorial da Academia”.

A multiplicidade de papéis exercidos por Antônio Martins Filho em sua vida, e que ficam patentes na leitura de suas memórias, é de causar admiração. Seus argumentos que embasavam o sonho de criar uma universidade para o Ceará não se esgotaram na fundação da UFC. Posteriormente dedicou-se com igual empenho a unir seu trabalho ao de outros sonhadores na criação de mais três universidades públicas no Ceará: Universidade Estadual do Ceará-UECE, Universidade Regional do Cariri-URCA e Universidade do Vale do Acaraú-UVA. Várias coletâneas sobre Martins Filho, geralmente organizadas na comemoração de datas especiais, como seus setenta anos ou no seu

centenário, vêm divididas em capítulos que tratam de diferentes setores de suas atividades e escritas por diferentes especialistas. A coletânea *O Reitor Martins Filho*, por exemplo, publicada em 1974, quando o reitor-fundador, ao completar setenta anos, aposenta-se, é dividida em 5 partes, em que, salvo a última, “Documentário”, dedicada a seus atos oficiais e a seu currículo, as outras quatro constam de depoimentos de professores, funcionários, intelectuais, escritores, jornalistas, entre outros, que o conheceram em diferentes circunstâncias de seu trabalho na Universidade Federal do Ceará.

A coletânea *Martins Filho de Corpo Inteiro*, organizada por Paulo Elpídio de Menezes Neto, para as comemorações do Centenário de Martins Filho e do Cinquentenário da UFC, em 2004, deu voz a 45 pessoas que prestaram depoimentos sobre Martins Filho como memorialista, professor, advogado, tipógrafo e editor, pai, edificador, empreendedor, e em outras facetas mais, além de Martins Filho em suas relações com universidade, e diferentes entidades como Rotary, Grupo Clá, Academia Cearense de Letras, Instituto do Ceará, Museu de Arte da UFC-MAUC ou com as Artes, com a Literatura ... e cito apenas alguns aspectos de suas atividades, gostos e interesses, mas que nos dão uma ideia, ainda que imperfeita, da grandeza de sua mente e de sua sensibilidade.

Em nossa Academia, Antônio Martins foi presidente (1963 -1964) e Presidente de Honra (1967-2002). Nesse período, como nos conta Artur Eduardo Benevides: “Sua presença foi marcante na direção da Academia, quer dirimindo as controvérsias que surgiam, quer apoiando nomes da maior expressão para integrar os quadros da tradicional casa de cultura. A presidência seria exercida por mim, muito depois, e dele recebi, em todos os momentos, apoio e estímulo. Incluindo-se a publicação de nossa *Revista* através da Imprensa Universitária do Ceará. (em “Martins Filho e a Academia” (*Martins Filho de Corpo Inteiro*, p.68-69).

Da atuação de Martins Filho no Instituto do Ceará nos dá notícia, na citada coletânea, João Alfredo de Sousa Montenegro, lembrando que, tendo sido eleito sócio efetivo em 1942, tomou posse no ano seguinte e que, mais de quarenta anos depois, de 1985 a 1989, foi presidente da instituição. Entre as atividades promovidas por Martins Filho no Instituto, o professor João Alfredo ressalta o seminário “O Ceará no Panorama Cultural do Brasil”, com a participação de “mestres de renome como Djacir Menezes”. Destaca mais adiante: “Mas há ainda outra vocação do ilustre homem público, pouco ou nada comentada, a do historiador que escreveu numerosos artigos e a importância desses artigos”.

Em texto publicado em obra de Martins Filho, *Elogio aos doutores e outras mensagens*, como adendo, “Antônio Martins Filho e a literatura”, Sânzio de Azevedo, o maior estudioso e pesquisador de literatura cearense no mundo, como sempre faço questão de acentuar, relembra que, desde jovem, Antônio “já demonstrava gosto pela literatura, lendo e decorando (...) longos trechos da epopeia de Camões...” e, mais adiante: “Tal era o pendor do jovem Martins Filho para as letras que, residindo em Crato, em 1922, ao fundar, (cita aqui alguns nomes) a Academia dos Infantes, foi-lhe confiada a Presidência do grêmio. O que já revelava a capacidade de liderança que o distinguiria pelos tempos afora.”

Chegamos, assim, caros leitores e leitoras, escritores e escritoras, em um dos mais simpáticos ângulos de Antônio Martins Filho: aquele que ama literatura e sabe de cor quase todo o quinto Canto de *Os Lusíadas*, a triste história da linda Inês, posta em sossego, coroada rainha depois de morta. Que recita sem pestanejar longos poemas da tradição popular e de seu poeta preferido, Augusto dos Anjos, sobre quem escreveu o livro *Reflexões sobre Augusto dos Anjos*. E, se até agora iluminei, na necessária brevidade desta fala, alguns aspectos dos

conhecimentos, talentos e atividades do rico e variado currículo de Martins Filho, para ressaltar a honra que sinto em receber a Medalha que a Academia Fortalezense de Letras me outorga, recordo agora a emoção que senti ao saber que iria recebê-la.

Há quase dois meses, relembrei, em bela cerimônia na Reitoria da UFC, meus caminhos de mestra-aprendiz na Universidade, concluindo que: “Esse percurso trouxe-me aqui para receber o título tão honroso de Professora Emérita, que guardarei como uma aliança, símbolo de meu amor por esta Casa e da confirmação de que esse amor é correspondido”. Assim, não voltarei a recordar aqui meus passos na Universidade, a não ser aqueles de memória pessoal que dizem respeito ao Reitor-fundador Martins Filho.

Como aluna da Universidade e, mesmo como professora da UFC, conhecia-o de longe, por vê-lo em solenidades acadêmicas, e somente o conheci de perto quando o visitei, timidamente, na sala de ex-reitores, de onde coordenava a Coleção Alagadiço Novo do Programa Editorial Casa de José de Alencar. Conheci-o de perto, pois, na luminosa sabedoria de sua idade prateada, pleno de energia, ideias e projetos, no início de 1990, quando, incansável, continuava a frequentar a Reitoria, como o fez, aliás, até bem pouco tempo antes de seu falecimento, que se deu em 20 de dezembro de 2002, dois dias antes de completar 98 anos de idade.

Sua boa acolhida à minha primeira visita me leva a pensar que seus amigos Moreira Campos e Artur Eduardo Benevides talvez já o teriam alertado para o aparecimento de uma aprendiz de escritora, autora de romance que, ainda inédito, recebera o Prêmio de Literatura Estado do Ceará da Secretaria de Cultura. O certo é que voltei com o manuscrito datilografado d’*O mundo de Flora* (nº 23 da Coleção) e, em poucos meses, meu livro de estreia na literatura estava pronto. Seu lançamento contou com a presença do Coordenador da Coleção

Alagadiço Novo que fez questão de expressar sua opinião sobre o romance, logo depois da fala de apresentação pronunciada pelo respeitado e amado escritor e professor da UFC, Moreira Campos. A partir de então, quando passava para cumprimentar o reitor-fundador, ele sempre me perguntava se não estava escrevendo outra obra e veio a publicar, na mesma coleção, dois outros livros de minha autoria: *Canção da Menina* (coletânea de poemas, de 1997, nº 104 da Coleção) e *Avis rara* (coletânea de historietas, de 2001, nº 280 da Coleção).

É importante aqui ressaltar o papel que a Coleção Alagadiço Novo, um dos muitos projetos culturais de Martins Filho, representou para os escritores cearenses, tendo, em menos de vinte anos, entre 1983 e 2001, publicado 306 livros, a maioria de autores cearenses e alguns sobre o Ceará. Ao publicar obras de diferentes gerações de escritores e estudiosos, a Coleção Alagadiço Novo veio a constituir um vasto painel da Literatura e da Cultura Cearense, em que se encontram, desde novas edições de obras de grandes mestres do passado, como José Albano, Capistrano de Abreu, Gustavo Barroso, Djacir Menezes, a novas obras de escritores da geração CLÁ, cito Artur Eduardo Benevides, Cláudio Martins, Eduardo Campos, Fran Martins, Milton Dias, Pedro Paulo Montenegro; a livros de escritores que consolidaram suas obras em quase duas décadas de atuação da Alagadiço Novo, como Francisco Carvalho, Paulo Elpídio de Menezes Neto, Sânzio de Azevedo ou pertencentes a gerações que surgiam no período, menciono Pedro Salgueiro, Luciano Maia, Linhares Filho, Teoberto Landim, Virgílio Maia, Regine Limaverde, Ítalo Gurgel, Beatriz Alcântara, Marly Vasconcelos, Horácio Dídimo, Caterina Maria de Saboya Oliveira, Tércia Montenegro. E mesmo citando tantos nomes, certamente deixo de mencionar outros de grande valor, pois, na impossibilidade de nomear a todos, escolhi alguns representativos das várias gerações.

Após o falecimento do Prof. Antônio Martins e o encerramento da Coleção, meus livros passaram a ser publicados pelas Edições UFC: *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina* (ensaio 1996, em parceria com 7 Letras, do Rio), *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (romance, 2006), *Os sinos de Encarnação* (contos, 2012), *O silêncio da penteadeira* (conto dramático, 2016).

Mas, mesmo antes dessa aproximação com o Prof. Antônio Martins, entre livros, e, posteriormente, pelo convívio na Academia Cearense de Letras, nosso reitor, sem o saber, ao abrir as portas da Universidade para estudantes hispano-americanos selecionados para estudar em universidades federais brasileiras, atuara para o encontro que traria a felicidade a dois alunos e futuros professores da UFC, pois, assim, conhecemo-nos Oswaldo Gutiérrez e eu, que, então, era Rossas Mota. Em minha posse na Academia Cearense de Letras, há 21 anos, tive a audácia afetuosa de chamar o grande cearense, fundador da UFC, de “meu cupido”. Ele sorriu e, posteriormente, brincava com mais essa função que lhe fora atribuída.

Finalizo aqui, uma breve recordação de um grande cearense, Antônio Martins Filho, que nasceu com uma estrela na testa, não como a estrelinha que algumas vezes desenhou em minha testa, mas uma estrela de primeira grandeza que nos orgulha por ser filho do nosso Ceará!